

P. ANTÔNIO CUGLIANA: IN MEMORIAM

☆ Fonzaso (Itália), 11-04-1911 / † Nova Iguaçu, 28-12-1984

Quem foi o P. Antônio, o silencioso e hospitaleiro pároco de Paracambi? Como não fazia alarde de sua pessoa e dos trabalhos paroquiais, talvez a maioria dos nossos padres não o tenha conhecido bem. Parecia um tanto solitário no fim de linha de Paracambi, mas não perdia nenhuma reunião, nenhum encontro pastoral, nenhuma concentração diocesana. Participava ao seu modo, acompanhando todos os movimentos com certo bom humor. Tinha uma imensa boa vontade de realizar em sua paróquia de S. Pedro e S. Paulo as determinações do Concílio e as orientações da diocese. Fazia o que podia. Gostaria de fazer muito mais, e diante das dificuldades me dizia: "Dom Adriano, velho não serve mais pra nada", rindo com alegria contagiante.

Vale a pena recordar algumas datas da vida do P. Antônio. Era um ex-religioso escalabriniano, que o então bispo da Barra do Pirai Dom José André Coimbra aceitou e que soube, numa fidelidade incansável e imperturbável, servir o Povo de Deus até o fim da vida.

Nasceu de família cristã na cidadezinha de Fonzaso, província de Belluno, no Norte da Itália, em 11 de abril de 1911, filho de Oronzo Cugliana e Maria Teresa Carlota Cugliana.

No ambiente piedoso da família nasceu a vocação sacerdotal. Aos 11 anos foi recebido em Piacenza no Seminário de S. Carlos Borromeu, da Congregação de S. Carlos Borromeu para os Imigrantes Italianos. Esta congregação foi fundada em 1876 por Dom João Batista Scalabrini, bispo de Piacenza, para atender os italianos que da Itália emigravam para o Novo Mundo. Os escalabrinianos espalharam-se nos Estados Unidos e no Brasil, tomando conta de paróquias habitadas por italianos.

Em Piacenza Antônio fez todo o seminário menor e maior, sendo aí mesmo ordenado padre pelo Cardeal Rafael Rossi, em 24 de junho de 1934. O ano passado o P. Antônio teve a alegria de celebrar o jubileu de ouro sacerdotal, em meio de carinho de seus paroquianos.

Fiel ao carisma da congregação, o superior geral enviava-o para o Brasil, já em 1935, depois de terminar os estudos. Trabalha na paróquia do Brás em São Paulo, onde eram numerosos os italianos, até 1939. Segue um tempo de trabalho no Rio de Janeiro; não consta se ainda como membro da Congregação ou já desligado. Ajuda em diversas paróquias, especial-

mente na Igreja de S. Antônio dos Pobres, onde era capelão o Mons. Felício Magaldi.

Por ocasião de uma crisma em Barra do Pirai Dom José André Coimbra convidou-o a trabalhar em sua diocese. Depois de algum tempo na Barra do Pirai é enviado para a Baixada.

No dia 26 de agosto de 1940 o P. Antônio é empossado pelo Mons. João Müsch (Nova Iguaçu) como pároco de Paracambi. Aí não havia nem igreja nem casa paroquial, nenhuma infra-estrutura de Pastoral. Confiando na Divina Providência e com bom humor, o P. Antônio começa então um trabalho abnegado e fiel que iria durar 44 anos.

Para ele era motivo de grande alegria dizer que batizou, casou Fulano ou Fulana, que agora já batizou e casou os filhos deles, que já batizou os netos e daqui a pouco, se Deus quiser, irá casar também os netos. E não deixava de mencionar também o catecismo dado com muito amor e dedicação, a Primeira Comunhão e a primeira confissão. O P. Antônio sentia-se profundamente ligado aos paroquianos. De férias na Itália (1970) sentiu a tentação de não voltar. Certas acusações injustas, vindas de seu Povo, magoaram-no profundamente. Escreveu-me, pedindo licença de ficar. Mas diante de minhas ponderações e da reparação que recebeu de Paracambi, voltou e voltou feliz para nunca mais deixar a paróquia.

Com a idade e a doença pensou em entregar Paracambi. Lutou para chegar à decisão. Mas quando viu que o Povo sofria com a sua impossibilidade de atendê-lo, deu o passo corajoso. Em julho o P. Antônio renunciou e veio morar em Nova Iguaçu, em casa alugada pela Mitra Diocesana, para tratar melhor da saúde. Apesar do bom humor e das esperanças que lhe faziam, a doença agravou-se. No dia 28 de dezembro de 1984 falecia o nosso querido P. Antônio. Teve antes a alegria de saber que, depois de uns seis meses de dificuldades, a paróquia de Paracambi recebia o P. Eduardo Nealon CSSp o seu novo pároco.

O enterro do P. Antônio em Paracambi mostrou como o Povo queria bem àquele que foi seu vigário dedicado e fiel durante 44 anos.

Além da Matriz e da casa paroquial o P. Antônio construiu ainda algumas capelas e o Centro de Formação. São obras materiais que exprimem alguma coisa do muito zelo que ardia no coração do P. Antônio. Junto ao Pai será mais um amigo e irmão que reza por nós. (A. H.).

CELEBRANDO O POVO

Dom Adriano, bispo diocesano

É claro que temos o direito e o dever de celebrar o dia Sete de Setembro como o Dia da Pátria, como a data-símbolo de tudo aquilo que é o Brasil na sua história, nas suas tradições, nos seus anseios e lutas, nos seus sofrimentos e esperança, nos seus

valores culturais, na sua grandeza territorial e nas suas riquezas naturais, nos seus grandes homens e heróis e sobretudo no seu Povo.

Sim, no seu Povo. E lamentavelmente é o Povo brasileiro o grande esquecido nas comemorações do Dia

da Pátria. Apesar de ser o melhor do Brasil, apesar de ser o valor pátrio por excelência.

Durante os anos do Governo militar havia uma preocupação muito grande em comemorar o Dia da Pátria com a máxima solenidade. Gastava-se dinheiro na propaganda. Ocupava-se parte dos melhores horários da televisão e do rádio para incutir nos cidadãos a consciência da grandeza do Brasil. Cunhavam-se slogans como aqueles pouco felizes: "Brasil, ame-o ou deixe-o", que entendia "amor" à Pátria exclusivamente dentro dos limites estreitos e falsos da ideologia da segurança nacional; ou como o outro, paródia da Bíblia Sagrada: "Brasil, ontem, hoje e sempre" — um texto da epístola dos Hebreus (13,8) que se refere a Jesus Cristo, salvador e libertador da humanidade ontem e hoje, que o será sempre por todos os séculos.

Felizmente passou o pesadelo de uma celebração patriótica imposta pela ideologia dominante e pela ameaça das espadas. Felizmente podemos celebrar o Dia da Pátria como homenagem ao Brasil e não aos donos do Brasil.

E nesta atmosfera de maior liberdade nunca deveríamos esquecer que a melhor porção do Brasil é o nosso Povo, que, para celebrar com justiça o Dia da Pátria, teremos de ressaltar muito particularmente o valor extraordinário do Povo brasileiro.

Onde aparece o Povo brasileiro mais autêntico? Parece paradoxal o que julgo poder afirmar: o Povo brasileiro aparece com mais autenticidade no interior do nosso país, nas pequenas cidades e vilas abando-

nadas; nas periferias das grandes cidades, periferias entregues à própria sorte; nas grandes concentrações, tipo comícios pré-eleições diretas; nas favelas abandonadas e marginalizadas.

Olhando essas áreas geográficas de nosso país, podemos afirmar que aí se concentra a grande maioria da população brasileira.

Vendo essa maioria, sem direitos, sem atenção do poder público, sem participação, entregue à própria sorte, em perpétuo abandono, situada e colocada cronicamente à margem do processo social — maioria de talvez 80-85% da nossa população —, descobriremos que este Brasil abandonado é o Brasil mais autêntico, porque encerra o Povo Brasileiro mais fiel às virtudes básicas de nossa Pátria: indestrutível capacidade de resistência; inesgotável criatividade; marca indelével de esperança, de otimismo, de alegria; profunda sensibilidade para o sofrimento dos irmãos; total disponibilidade para sempre começar; vontade de viver e de partilhar; ordeiridade; força de vontade e decisão. E muitas outras virtudes que somente uma convivência constante ajudará a descobrir.

As comemorações do Dia da Pátria deveriam ser ao mesmo tempo a comemoração do Povo brasileiro, este Povo que, apesar de toda marginalização e abandono, é o Povo que constrói o Brasil no que nossa Pátria tem de mais autêntico e genuíno. No dia Sete de Setembro desejamos que um dia este Povão — hoje abandonado e marginalizado — possa assumir o seu papel e a sua missão. Muita coisa mudará para melhor (NI 04-09-85).

CELEBRAR A JUVENTUDE

O Ano Internacional da Juventude parte de valores humanos e culturais. Como a Juventude representa um valor e ao mesmo tempo uma esperança de mundo melhor, convém chamar a atenção do mundo inteiro para o que significam hoje e amanhã as multidões incontáveis de jovens que enriquecem todos os Povos, mas sobretudo os Povos subdesenvolvidos.

Para nós, cristãos, são válidas essas considerações. Sentimo-nos perfeitamente integrados no mundo cultural em que vivemos. Participamos do Ano da Juventude que a UNESCO proclamou. E aí estamos celebrando o Dia Internacional da Juventude, precisamente em 22 de setembro.

Há no entanto um aspecto mais profundo que os cristãos não deveriam esquecer: a Juventude em ligação com o mistério da Salvação, com Jesus Cristo, com o plano de Amor de Deus.

A Juventude faz parte do plano de Amor do Pai, os jovens devem ser integrados no plano salvífico de Jesus Cristo.

No mundo que deve ser libertado pela força libertadora da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, os jovens pelo seu número, pelas suas qualidades e valores específicos, ocupam, deveriam ocupar um lugar importante. São motivo de preocupação do Amor de Deus que se encarnou em Jesus Cristo. E são também cooperadores de Jesus Cristo para a salvação do mundo.

A Pastoral libertadora de nossa Igreja deveria ter uma preocupação particular pelos jovens. Assim pensou a Conferência Latino-Americana de Puebla (1979) quando fez uma "opção preferencial pelos jovens". Também nossa diocese quando na Assembléia Diocesana de 1983 colocou a Pastoral da Juventude entre suas prioridades.

Por que essa preocupação maior? Primeiramente pelo número extraordinário de jovens na América Latina, no Brasil, na diocese de Nova Iguaçu. Quando observamos as pessoas presentes em nossas igrejas temos a impressão de que a maioria são jovens, de 25 anos para baixo.

Mas não só pelo número a Juventude merece atenção especial da Igreja. Também pelos seus inúmeros valores, ainda incubados, ainda frágeis, ainda tateantes. Queiramos ou não, os jovens de hoje, bem formados ou mal formados, ocuparão mais tarde os postos-chave na vida dos Povos. Conviria então que fossem bem formados, para darem a garantia de um mundo melhor, mais justo, mais humano, mais cristão.

Há mais: os jovens devem também assumir o seu papel de evangelizadores trazendo para a evangelização os grandes valores que somente os jovens podem ter: alegria, entusiasmo, despojamento, esperança, otimismo, ideal, música, beleza. Os jovens como jovens devem assumir sua porção de apostolado na Igreja.

Destas considerações concluímos que na Igreja deve haver espaço largo e generoso para os jovens, tanto para formá-los como cristãos, quanto para dar-lhes ensejo de se comprometerem com o Evangelho e com a Pastoral. Pensamos na Liturgia que deveria ter aspectos de juventude para que, participando, os jovens se sentissem alegremente "em casa".

Espero que do Ano da Juventude nossa Igreja tenha tirado conclusões práticas para a Pastoral da Juventude: para a evangelização dos jovens e para o engajamento dos jovens na evangelização dos irmãos pobres e pequenos (NI 18-09-85).

IGREJA E CONSTITUINTE

Dom Adriano, bispo diocesano

A duras penas vai crescendo a participação do Povo no processo social, embora ainda estejamos bem longe daquela participação pluriforme e contínua que pertence à natureza da Democracia. Sobretudo nas grandes cidades e nas suas periferias o Povo vai tomando consciência mais clara de que não pode ficar indiferente aos problemas maiores e aos acontecimentos importantes da vida nacional.

Infelizmente a imensa maioria do interior continua à margem do processo social e à mercê dos "coronês" onipotentes. De sorte que não nos devemos enganar, quando, no momento atual, pensamos na participação do Povo no chamado "processo constituinte".

Nas grandes cidades com suas periferias tem crescido o interesse pela nova Constituição que se anuncia e, por isto mesmo, pela Assembléia Constituinte que será eleita, no ano próximo, com a finalidade de elaborar a nova Lei Magna do Brasil. Estamos numa fase preparatória, muito importante para o futuro de nosso Povo. Temos de participar da melhor maneira possível.

Nesta fase de preparação que papel cabe à nossa Igreja?

Há muitas entidades que poderiam e deveriam fazer um trabalho de conscientização política, em vista da eleição para a Assembléia Constituinte e da elaboração da nova Constituição. Os meios de comunicação social, em primeiro lugar a televisão (com sua mensagem direta e atual), podem ocupar um lugar destacado no trabalho de conscientização. Os partidos políticos deveriam fazê-lo também, mesmo que nesse trabalho atuem conforme seus interesses.

Mas certamente é a Igreja a instituição que, no momento, mais ligada está com o Povo, mais influência direta exerce sobre o Povo, e a instituição que dispõe de melhores recursos e motivos. Hoje em dia é mínimo, entre nós, o "perigo" de a Igreja, no seu trabalho de conscientização popular, puxar braza para sua sardinha ou manipular, para direta ou indiretamente chegar ao poder. Não, esta Igreja atual do Brasil nunca pensou, nunca tramou, nunca desejou o poder. Deseja, apenas, o que todos desejam, o que todas as entidades devem ter: a liberdade de exercer sua missão. E a esta missão pertence o trabalho de conscientização, pelo menos dos católicos, neste momento de redemocratização do Brasil.

A nova Constituição — parece ser o consenso geral — deve ser melhor do que as anteriores. Deve centrar sua filosofia na pessoa humana e na comunidade humana. Deve olhar *todo* o Povo brasileiro. Deve ser brasileira, no sentido de abandonar os modelos estrangeiros, para ser uma lei fundamental para o Brasil de hoje, para o Povo brasileiro de hoje.

Seria errado se a Igreja aproveitasse seu trabalho de conscientização para conquistar o poder, para fazer um trabalho político-partidário, para garantir seus privilégios como instituição.

Mas seria errado também se, neste momento histórico de grande importância, a Igreja se omitisse e abandonasse o Povo que nela tanto confia.

No seu trabalho de conscientização a Igreja — pelo menos esta é a orientação geral, inclusive da Conferência Nacional dos Bispos pela sua presidência — visa a despertar no Povo o senso de responsabilidade e o desejo de participar, com mais eficácia, no processo político, no processo cultural, no processo econômico — no processo social em geral.

Tenho certeza que a participação do Povo — este Povo tantas vezes desprezado e abandonado, tão caluniado e subestimado, dispõe de qualidades e valores que, para mim, fora de qualquer dúvida, contribuirão eficazmente para a solução de muitos problemas nacionais que até agora as elites não souberam resolver.

Será para muita gente uma belíssima surpresa descobrir a grandeza humilde deste Povo formidável e forte que é o Povo brasileiro (NI 02-10-85).

MOSAICO

● Continuam as visitas pastorais que o bispo diocesano tem realizado, como parte do programa do Jubileu de Prata de nossa diocese. Nos próximos fins de semana (04/06 e 11/13 de outubro) será a última etapa: na Região 7 — paróquias da Posse, Parque Flora, Santa Rita, Miguel Couto, Vila de Cava e Tinguá.

● Durante 15 dias estive em nossa diocese, como hóspede de honra, o primeiro bispo de Nova Iguaçu — Dom Walmor Battú Wichroski. Ficou hospedado no Centro de Formação de Líderes. Com amigos fiéis, visitou toda a diocese e conheceu as obras realizadas nos últimos anos. No ofertório da S. Missa do dia 22 — Encontro Diocesano da Juventude e Homenagem da diocese de Nova Iguaçu à CNBB — Dom Walmor teve um gesto muito significativo: ofereceu à diocese a bula do S. Padre João XXIII nomeando-o primeiro bispo desta diocese. Agradecemos a Dom Walmor sua participação no jubileu e convidamo-lo a voltar sempre.

● Aconteceram algumas mudanças no presbitério. Os neo-sacerdotes (ordenados em 11 de agosto passado) foram assim distribuídos: P. Narcus continua na paróquia de Rocha Sobrinho (Banco de Areia), trabalhando com o P. Nino e o P. Jacinto; o P. Edmilson trabalhará na paróquia de S. Sebastião de Olinda, como cooperador, morando no entanto com o P. Marcus, em Rocha Sobrinho; o P. Clínio será cooperador do P. Bruno, nas paróquias do Lote XV, Santa Maria e Jardim Gláucia, aí também trabalhará o diácono Neuro; o P. Porfírio ficará na Catedral, como cooperador. Esperamos que os neo-sacerdotes encontrem nos seus primeiros serviços ocasião de demonstrar seu zelo e generosidade.

● Nosso P. Enrique, pároco de N. Sra. de Fátima e S. Jorge e pró-vigário-geral, pediu prorrogação de suas férias na Espanha, por tempo indeterminado, para tratar de problemas familiares (como escreveu). Por isto renunciava a todos os cargos que tem na diocese. Depois de ouvido o Conselho Presbiteral, o Conselho Diocesano decidiu não aceitar a renúncia e aguardar a volta do P. Enrique. Foi nomeado administrador paroquial o P. Alexandre, cooperador da Catedral, sem prejuízo desta sua função. Desejamos todo o bem ao P. Enrique, operário zeloso do Reino de Deus.

● Satisfaz a todos a festa do dia 22 de setembro. De manhã o Encontro Diocesano de Jovens. Atraíram cerca de três mil rapazes e moças, mostrando bem claro que a juventude sabe responder com entusiasmo a qualquer proposta marcada de conteúdo. Foram horas de movimentação juvenil, de números muito variados, de eloquente "barulho". O programa bem organizado e bem executado convenceu. Ficou o desejo de que esses encontros se repitam. — Na parte da tarde celebrou-se a homenagem da diocese jubilar à CNBB. Sabemos que a Conferência Nacional dos

Bispos do Brasil teve e tem um papel relevante na Igreja do Brasil dos últimos vinte anos. Com mão forte e suave soube manter-se em atitude de serviço nos anos difíceis do regime militar e imprimir à Pastoral do Brasil linhas de inspiração evangélica e conciliar que promoveram extraordinariamente o trabalho eclesial. Nossa homenagem de gratidão tinha pleno motivo. Tanto mais que a CNBB tem sido alvo de acusações internas e externas que, pela sua folha de serviços prestados ao Povo brasileiro, não merece, por injustas e distorcidas. O programa da homenagem, à qual compareceram cerca de duas mil pessoas (entre as quais Dom Alfons Gregory, bispo-auxiliar do Rio, representando a CNBB e o Cardeal Dom Eugênio; Dom Walmor, primeiro bispo de Nova Iguaçu; Dom Waldyr, bispo de Volta Redonda-Barra do Pirai; Dom Vital, bispo de Itaguaí; e Dom Mauro,

bispo de Duque de Caxias), o programa foi denso e longo, terminando com a celebração da S. Missa. Merecem parabéns tanto os organizadores do Encontro da Juventude como os organizadores da homenagem à CNBB. Merece gratidão o IESA que por sua atual superiora Irmã Yeda sempre se mostra sensível aos problemas e iniciativas da Diocese de Nova Iguaçu.

• Acha-se doente o P. Daniel, pároco de Nova Mesquita. Está em tratamento médico sério. Esperamos que recobre as forças para o bom serviço dos seus paroquianos.

Encerramento deste número: 02-10-85. Endereço do BD: Cúria Diocesana, Rua Capitão Chaves, 60 (ou Cx. Postal 77285) — 26220 Nova Iguaçu, RJ — Tel.: (021)767-7943.

CALENDÁRIO PASTORAL SETEMBRO DE 1985	
01 r(14h30)	Região Pastoral 3 Festa do Seminário
03 r(09h00)	mensal de Pastoral, CENFOR
05 r(09h00)	Cons. Presbiteral, CEPAL
06	visita pastoral Região 5 (Austin)
07	visita pastoral Região 5 (Austin, S. Francisco)
08	visita pastoral Região 5 (Queimados-Conc, S. João)
10 r(09h00)	Cons. Diocesano, CEPAL
r(19h30)	Região Pastoral 4
13 r(19h30)	Região Pastoral 1 visita pastoral Região 6
14	visita pastoral Região 6
15	visita pastoral Região 6
17 r(19h30)	Região Pastoral 2
20 r(19h30)	Região Pastoral 7 visita pastoral Região 6
22 (08h00)	Encontro da Juventude, IESA
(14h00)	Concentração Diocesana, IESA
24 r(09h00)	Cons. Diocesano, CEPAL
27 r(19h00)	Região Pastoral 5
28 r(15h00)	Assembléia das Comissões de Pastoral, CENFOR
r(14h00)	Região Pastoral 6

CALENDÁRIO SOCIAL SETEMBRO DE 1985	
02 n(1915)	Eugênia Cotta FC, Viga
o(1951)	Gilberto de Toij MSC, dir. sem. MSC, H
03 o(1960)	Humberto van der Togt MSC, pSag
06 n(1945)	Valdir de Oliveira, Roma
08 v(1970)	Roberto Charles Dixon CICM, Calif.
10 n(1949)	Ezio Bodino CEIAL, cLXV
12 v(1971)	Nives Chialva IJC, crVCava
o(1954)	Renato Stormacq CICM, pAu
17 n(1928)	Maria Pascoalina NSV, H
19 n(1932)	Guilherme Steenhouwer SSCC, pPFI.
21 n(1961)	Marcus Barbosa Guimarães cRSobr
n(1936)	Clarinda Guerra de Faria MJC, Chatuba
o(1929)	Mons. Arthur Hartmann pOSeb
22 n(1921)	Maurício Vian pL
n(1927)	Ana Regina Costa FSA, P
n(1950)	Angel Vidal R. Ludan CICM, CCSoa.
26 n(1930)	Maria Adelina Maciel da Costa MSSp. MCouto
n(1939)	Francisca Ribeiro Rodriguez FC, Viga
27 n(1924)	Laurino Marques CSSp, pQ/SFranc.
o(1959)	José Fernandes de Sá CSSp, pQ-Conc.
30 n(1949)	Nives Chialva IJC, crVCava

CALENDÁRIO PASTORAL OUTUBRO DE 1985	
01 r(09h00)	mensal Pastoral, CENFOR
03 r(09h00)	Cons. Presbiteral, CEPAL
04	visita pastoral R7
05	visita pastoral R7
06	visita pastoral R7
r(08h30)	animadores da Crisma, CENFOR
r(14h30)	Região Pastoral 3
08 r(09h00)	Cons. Diocesano, CEPAL
r(19h30)	Região Pastoral 4
11 r(19h30)	Região Pastoral 1 visita pastoral R7
12	visita pastoral R7
13	visita pastoral R7
15 r(09h00)	do presbitério. C. ORAÇÃO
r(19h30)	Região Pastoral 2
18 r(19h30)	Região Pastoral 7
20	Dia das Missões
22 r(09h00)	Conselho Diocesano, CEPAL
26 r(14h00)	Região Pastoral 6

CALENDÁRIO SOCIAL OUTUBRO DE 1985	
01 n(1939)	Blandina Spescha SCR, crSRita
02 n(1935)	Sabina Móriér ICM, Rosa dos Ventos
03 n(1952)	Jerry Kirwin CSSp, cCab/Mar.
04 n(1944)	Marcos Ockerman CICM
07 v(1937)	Maria Alcântara Schrode FB, IESA
v(1984)	Sônia Maria daziombra IJC, VCava
10 n(1930)	Renato Stormacq CICM, pA
11 n(1941)	Bartolomeu Bergese CEIAL, pCSul
12 n(1945)	Teresinha Luíza da Silva MJC, Chatuba
14 n(1955)	Carlos César dos Santos pBR-Conc
16 n(1910)	Cônego Luís G. Passos dos Santos
18 o(1942)	Adriano Hypolito OFM, bispo diocesano
20 n(1919)	Inês Pasa FB, IESA
m(1984)	Francisco Sancho de Assis, pA
28 n(1928)	Manoel Monteiro Carneiro, chanceler, pNI-SCJ (K-11)
30 n(1924)	Francisco Jerônimo da Silva, c